

CEDI - P. I. B.  
 DATA 31. 12. 86  
 COD 1111472

Especial

# O ataque ao tesouro

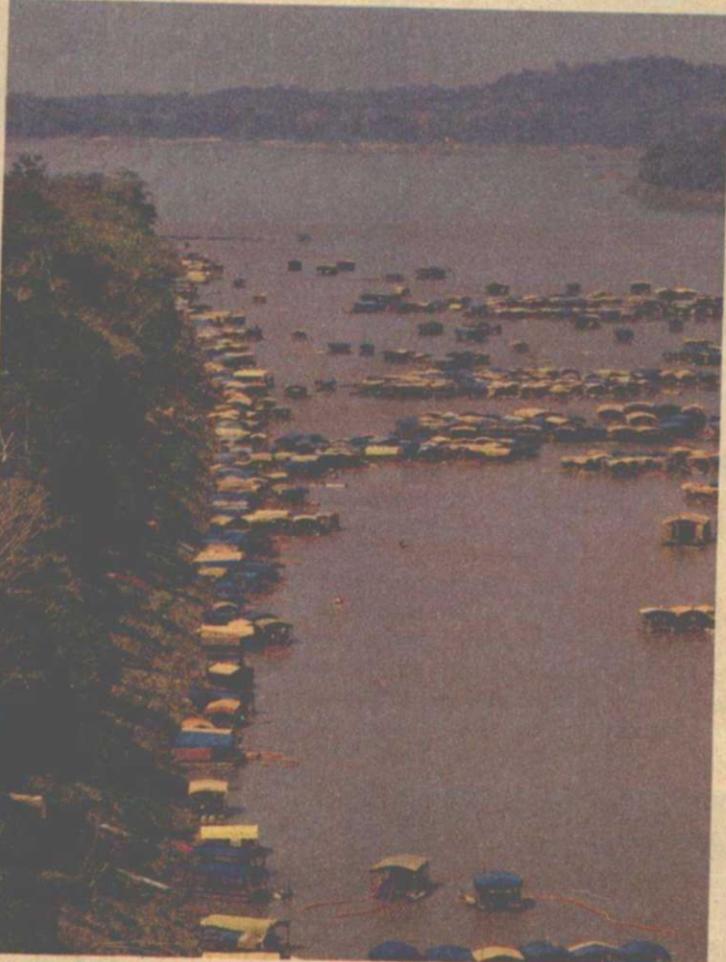
*Intensifica-se a luta entre empresas e garimpeiros em torno das riquezas minerais da Amazônia*

pretende ser o maior projeto de ouro aluvionário do país.

Aquartelados na "Currutela", um amontoado de 3 000 barracos de lona plástica a 500 metros do rio, os garimpeiros avisam que resistirão a qualquer tentativa de desalojá-los. No Piriquitos, afinal, jaz uma reserva calculada em 40 toneladas de ouro aluvionário — se fosse retirado do rio e comercializado de uma só vez, esse tesouro renderia mais de 3,5 trilhões de cruzeiros. Diariamente, centenas de mergulhadores descem a profundidades de até 15 metros e ali permanecem 4,5 horas à caça da fortuna.

**N**uma ação fulminante consumada na última semana de junho, tão logo se encerrou a estação das chuvas na Amazônia, cerca de 10 000 garimpeiros tomaram de assalto um trecho do Rio Madeira em que suas águas cortam as selvas de Rondônia, na fronteira do Brasil com a Bolívia. Imediatamente, a multidão de homens queimados de sol espalhou-se por 2 500 balsas e atirou-se à busca de ouro de aluvião no fundo do rio. A resposta desenhou-se dias depois, quando funcionários da C.R. Almeida recrutaram uma milícia de vinte homens, comandados por um coronel reformado da Polícia Militar do Paraná, para expulsar os forasteiros da área, cujos direitos de exploração pertencem à empresa.

A providencial intervenção da PM de Rondônia, que bloqueou o avanço da milícia da C.R. Almeida e simultaneamente desarmou os garimpeiros, apreendendo centenas de revólveres, espingardas e algumas metralhadoras, impediu a explosão. Mas não desmontou o barril de pólvora, que na semana passada permanecia plantado às margens do Rio Madeira. A 15 quilômetros das barrancas, funcionários da C.R. Almeida, entrincheirados no acampamento construído pela empresa, imaginam meios de apossar-se de fato do "Piriquitos", como é conhecida na região a área das jazidas, e fazer valer seus direitos. A empresa possui um alvará de pesquisas fornecido pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e já investiu mais de 3 milhões de dólares no que



Rio Madeira: 10 000 homens e 2 500 balsas na caça ao ouro



Lavra da Brascan em Rondônia: risco permanente de invasões

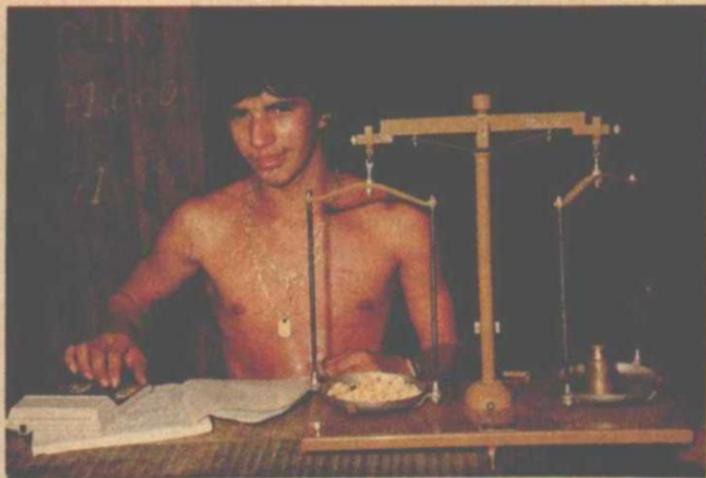
"MEDO DE MORRER" — Enfiado num macacão de borracha, o maranhense João Coelho da Silva, 26 anos, faz uma rápida oração e o sinal-da-cruz antes de desaparecer nas águas turvas do rio. Nas horas seguintes, ele maneará um tubo de sucção que vai retirando o cascalho misturado ao ouro para ser lavado na balsa. Dali, através de uma mangueira de plástico ligada a um compressor de ar, Silva recebe oxigênio. Se ocorrer qualquer acidente, ele dificilmente se desvencilhará do cinturão de chumbo, pesando 50 quilos, que o mantém submerso. "Tenho muito medo de morrer, mas o ouro está lá embaixo", diz o mergulhador.

O maranhense Silva é um dos cinco empregados da mineira Maria das Graças, 28 anos, a dona da balsa. Há cinco anos, depois que seu marido foi assassinado numa cidade do interior de Minas Gerais, Maria das Graças pousou na Amazônia. Uma escala em Imperatriz, no Maranhão, assegurou-lhe recursos para comprar a balsa, avaliada em 150 milhões de cruzeiros, com que hoje rastreia ouro no Madeira. "Eu sou a única mulher por aqui", informa, "mas todos me respeitam porque tenho muito dinheiro." A cada dia seus empregados recolhem em média 250 gramas de ouro, cada uma delas vendida a 120 000 cruzeiros no comércio local. "Houve um dia em que compramos 50 quilos", afirma Carlos Barroso Filho, 17 anos, que trabalha no barraco pertencente

FOTOS JOÃO RABELO



Comércio de minério na Currutela: trilha de violência



Barroso: "Houve um dia em que compramos 50 quilos"

cente a seu pai. Frequentemente, o ouro que chega às mãos dos compradores percorreu uma trilha de violência. No ano passado, a maioria das 71 mortes de garimpeiros registradas no Madeira foi provocada pelo chamado "corte do mangueiro": num dia em que o rio se mostra mais generoso, o sócio que permanece na balsa corta com o canivete o fornecimento de oxigênio ao companheiro que mergulhou, para ficar com toda a produção.

"SALVE-SE QUEM PUDE" — A disputa pelo ouro do Rio Madeira é apenas uma das frentes de combate abertas no curso da guerra pelas riquezas minerais da Amazônia. Travada em áreas tão distantes entre si como a fronteira com a Bolívia, o sul do Pará ou remotas paragens do Território de Roraima, ela mobiliza no momento cerca de trinta grandes grupos mineradores e mais de 400 000 garimpeiros. "Estamos vivendo um clima de salve-se quem puder", alarma-se Ângelo Angelim, o governador de Rondônia, abrigo de algumas das mais generosas jazidas de ouro e estanho do país. Essa busca do tesouro, que excita tanto a lavra mecanizada das mineradoras quanto os métodos artesanais dos garimpeiros, intensificou-se nos últimos cinco anos, com o aumento da cotação do ouro e dos metais usados na fabricação de ligas especiais no mercado externo, como estanho, volframita, tungstênio, colombita e tantalita.

Nestes cinco anos, o DNPM registrou em Brasília mais de 25 000 pedidos de alvará de pesquisa e lavra na Amazônia, cobrindo praticamente toda a área mineralizada da região — só no Pará, os alvarás abrangem 40% do Estado. As cifras que riscam esse mundo são necessariamente superlativas. No final deste ano, por exemplo, o grupo Paranapanema, um dos gigan-

tes brasileiros do estanho, terá investido 25,5 milhões de dólares em pesquisa e lavra das jazidas de cassiterita de Rondônia e do Amazonas. Só a mina de Pitanga, a 200 quilômetros de Manaus, explorada por uma das 46 subsidiárias da Paranapanema, tem reservas de estanho estimadas em 300 000 toneladas.

No ano passado, o grupo liderado pelo empresário Otávio Lacombe extraiu 15 000 toneladas de estanho, 65% de toda a produção nacional, e exportou 13 000 toneladas, faturando 145 milhões de dólares. O grupo canadense Brascan, segundo maior produtor brasileiro de estanho, inves-

tirá neste ano 50 milhões de dólares em Rondônia e planeja instalar fundições para processar o minério no próprio local das jazidas. O futuro seria bastante promissor para todas essas empresas caso não se multiplicassem nos horizontes da Amazônia multidões de garimpeiros.

CONFLITOS INEVITÁVEIS — Também nos últimos cinco anos, a Secretaria da Receita Federal distribuiu na região 432 000 novas carteiras de garimpeiro. Calcula-se que hoje existam 80 000 caçadores de tesouros no sul do Pará, outros 60 000 na província aurífera do Tapajós — a maior do mundo, com reservas avaliadas em 1 000 toneladas de ouro, onde agem setenta grupos mineradores —, mais 50 000 no Alto Rio Negro, pelo menos 20 000 em Rondônia, quase 10 000 em Roraima. Como praticamente todas as zonas minerais já foram alcançadas por alvarás de pesquisa e lavra, as invasões e os conflitos são inevitáveis.

"O governo encara o problema do garimpo como se fosse um problema social, não um atentado ao direito de propriedade e à livre iniciativa", queixa-se Ary Macedo, 61 anos, assessor da superintendência da Paranapanema em Rondônia. Como outras empresas, a Paranapanema tem recorrido a milícias de aluguel para expulsar invasores de suas áreas de pesquisas e lavra (veja quadro à pág. 84). "O país não pode dar-se ao luxo de desperdiçar seus recursos minerais em nome de falsos interesses sociais", emenda o ex-governador Paulo Nunes Leal, 52 anos, coronel reformado e diretor da Brascan no Estado. Com o aval dos técnicos do DNPM, as mineradoras alegam que as atividades dos garimpeiros são essencialmente predatórias das riquezas minerais.



Maria das Graças, com Silva: muito dinheiro

Segundo os técnicos, para cada grama lavada numa bateia, outra se perde, misturada ao cascalho e à água. Já com a lavra mecanizada, o índice de recuperação do minério chega a 90%. Os garimpeiros contra-atacam com o argumento de que chegaram primeiro. "Não existe uma única jazida de ouro ou cassiterita descoberta pelas mineradoras", afirma o empresário e piloto José Altino Machado, 43 anos, que há dezoito chegou à Amazônia como um dos precursores da multidão de aventureiros que hoje se movimenta pela selva.

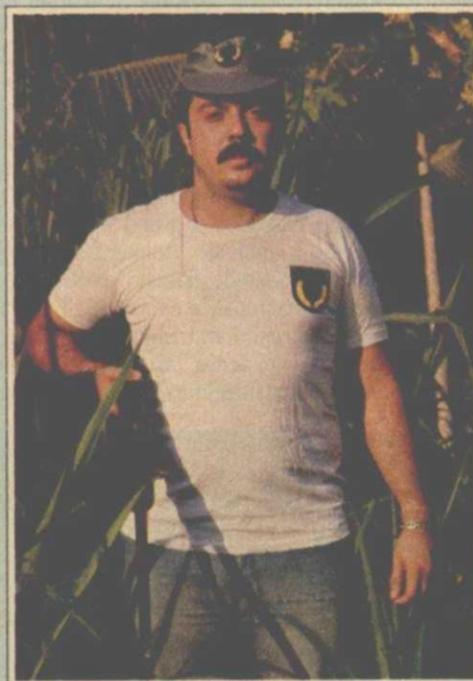
**SERRA AMEAÇADA** — Dono de fazendas em Minas Gerais e de uma empresa de táxi aéreo em Manaus, Machado liderou no começo do ano uma das mais espetaculares operações dessa guerra da Amazônia. À frente de 1 146 homens — transportados em sete aviões e 27 ônibus — e um caminhão de suprimentos, ele tentou ocupar de surpresa a Serra dos Surucucus, situada na terra dos índios ianomani, no Território de Roraima, uma das maiores reservas de ouro, diamante e cassiterita do país. A tentativa de invasão foi contida por tropas da Polícia Militar e agentes da Polícia Federal alertados a tempo pelos órgãos de informação. Machado passou 23 dias preso na Base Aérea de Boa Vista, sob custódia do Ministério da Aeronáutica, mas não arquivou seus projetos. "Aquele é uma serra de 1 bilhão de dólares", sonha.

Machado acusa o governo de favorecer as mineradoras. "Alguns grupos detêm verdadeiros feudos na Amazônia", sustenta. Ele afirma que os alvarás de pesquisa e lavra das 46 subsidiárias da Paranapanema somam 10 milhões de hectares, um território maior que o de Pernambuco. A criação de subsidiárias foi o artifício encontrado para burlar o Código de Mineração, segundo o qual nenhuma empresa pode requerer mais de dez alvarás que cubram áreas de 5 000 hectares cada para pesquisar e explorar o mesmo tipo de substância mineral. "Precisamos criar uma federação dos garimpeiros da Amazônia para defender nossos direitos", prega Machado. O geólogo Fernando Lopes Burgos, 33 anos, diretor do 8.º distrito do DNPM, com sede em Manaus, acha que também as empresas precisam de instrumentos de proteção. "Investir em mineração atualmente", compara, "é o mesmo que entrar num fogo cruzado." Mas nenhum dos lados exhibe qualquer disposição de abandonar voluntariamente as zonas conflagradas.

LAURENTINO GOMES, de Belém

## Dois coronéis e um tenente limpam a selva

Um homem com mais de 1,80 metro, moreno, musculoso, quepe na cabeça e trajes de guerrilha foi detido no Alto Rio Negro, há duas semanas, por soldados do Exército que patrulhavam a área e acreditaram ter pilhado um guerrilheiro colombiano do M-19. O preso só foi devolvido à liberdade — e à selva — dois dias depois, ao provar que se tratava do tenente da reserva Tadeu Abraão Fernandes, que estava ali a serviço. Fer-



Fernandes: sem tempo para respirar

nandes, 35 anos, é o principal executivo da Sacopã, empresa oficialmente dedicada a "atividades de segurança rural", que semanas antes fora contratada pela Paranapanema para uma "operação-limpeza" no garimpo do Rio Trafa, município de Parí-Cachoeira, Alto Rio Negro, invadido por forasteiros.

"Não somos jagunços: somos prestadores de serviços, especialistas em posseiros e garimpeiros", ressalva Fernandes em seu escritório na sede da Sacopã, na periferia de Manaus. Além do tenente — especialista em serviços de informação e contra-informação, tendo cursos de sobrevivência na selva e guerra antiguerrilha —, são sócios da empresa o coronel reformado Antônio Fernandes, ex-comandante da Polícia Militar de Rondônia, e o coronel da ativa João Batista de Toledo Camargo, atual chefe de polícia do Comando Militar da Amazônia e diretamente subordinado ao general Octávio Aguiar de Medeiros. Como a seus dois sócios, essa dupla militância profissional do coronel Camargo tem-lhe assegurado bons lucros desde que a empresa foi criada, há três anos.

**PROEZAS** — "É tanto serviço que não dá para respirar", alegre-se Tadeu Fernandes, exibindo documentos em que o Comando Militar da Amazônia autoriza a Sacopã a manter a seu serviço 400 homens equipados com cartucheiras 20 milímetros, rifles 38, revólveres de variado calibre e cães amestrados. Fernandes informa que 90% dos funcionários são egressos das Forças Armadas. Eles agem em toda a Amazônia, e a Sacopã fixa os preços dos contratos segundo critérios orientados pelo grau de tensão verificado na área a ser trabalhada. "Se houver ameaça de tiroteio e resistência armada, o preço é de 200 000 cruzeiros por homem-dia", especifica Fernandes. "Se for uma simples evacuação, cobramos só 120 000 cruzeiros por homem-dia." O cliente também se compromete a custear despesas com alimentação, transporte e hospedagem dos funcionários da Sacopã.

Como avaliar previamente o grau de tensão? "O primeiro passo é infiltrar cinco ou seis homens entre os invasores", ensina Fernandes. "Então, ficamos sabendo como estão organizados, quem são os líderes, se estão armados e se tentarão resistir." A curta existência da empresa já registra algumas proezas. Em 1983, por exemplo, retirou 8 000 garimpeiros de uma área no município de Alta Floresta, Mato Grosso, pertencente à Paranapanema. No ano passado, limpou um território da Brascan, em Rondônia, invadido por 11 000 garimpeiros. "Perdemos três homens nessa operação, perfurados com vinte balas cada um", contabiliza Fernandes. Ele não revela quantas baixas houve do outro lado.